

O imaginário na terra do nunca: uma possibilidade de reencantamento ¹

Fossatti, Carolina Lanner ²

Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

Entendendo a modernidade como um período no qual o imaginário não era valorizado, caracterizando-se, portanto, como um momento onde o racional emergia como condição hegemônica, observa-se hoje, um movimento que se contrapõe a esta ideologia da razão. Através do onírico e do lúdico, a contemporaneidade vai sustentando-se. Neste espaço, o imaginário vem ganhando visibilidade, possibilitando que se resgate o que por muito tempo ficou denegado. É este processo de resgate, nomeado por Maffesoli de “reencantamento do mundo”, que, juntamente com a história de Peter Pan, onde o lúdico, o onírico e o imaginário se presentificam, será desenvolvido.

Palavras-chaves: imaginário, ideologia da razão, reencantamento, denegação, presenteísmo

Introdução

A teoria de Michel Maffesoli, se mostra notadamente abrangente, visto abordar o presenteísmo, senso comum, conflito estrutural, aura, jogo social, sinergia, religião, tribalismo e imaginário. Portanto, a fim de desenvolver um estudo acerca do imaginário, o presente trabalho sustentará-se a partir de um recorte teórico, no qual, se fará presente, aquilo que Maffesoli descreveu como “reencantamento do mundo”, estabelecendo relações com o imaginário emergente na história de Peter Pan, de J.M. Barrie.

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2005

² Psicóloga, Mestranda em Comunicação Social, Linha de Pesquisa: Tecnologias do Imaginário

1 A complementariedade entre a denegação e o reencantamento

Maffesoli compreende a modernidade como um processo de denegação, momento no qual, o culto ao racional se destaca. Tiveram como características prevalentes da modernidade a ideologia individualista, a razão instrumental e a onipotência da técnica, cujo objetivo era o alcance da sociedade perfeita. Paralelamente a este momento, emergem teóricos como Descartes e Jean Paul Sartre. O primeiro dedica-se a uma crítica ferrenha à imaginação, estabelecendo uma negação do sensível. Jean Paul Sartre, que também questiona a imaginação, salienta a razão, como um elemento do cérebro passível de controle, enquanto a imagem, remete o homem aquilo incontrolável, encontrando-se, portanto, na ordem da animalidade. Este conjunto de formas características compõem o estilo da época.

Observa-se, na condição pós-moderna, que a saturação dos valores da modernidade tendem a dar lugar a valores alternativos, ainda imprecisos, mas cuja eficácia é inegável. Assim, o sujeito não domina mais seu universo, da mesma forma que, o social, o racional e o mecânico não são mais reconhecidos como valores hegemônicos. Maffesoli (1995) salienta que o individualismo, a onipotência técnica e o “todo econômico” não funcionam mais como mitos que fundam metas a serem atingidas, logo, o ideal democrático, mostra-se saturado passando por um processo de substituição pelo ideal comunitário. É dentro desta perspectiva que, observa-se o retorno das imagens, a importância do contágio emocional, o recurso a esses múltiplos simbolismos, que, junto à afirmação da identificação religiosa, vai constituindo uma nova configuração social. Na pós-modernidade, assistiu-se a um retorno da imagem, presente na publicidade televisiva e digital, manifestada a partir de uma rebelião da imaginação. Maffesoli (1995) remete-se a Vico quando afirma existir regularmente,

retornos e recomeços às idéias imaginais e aos mitos comuns, que servem de condições para as possibilidades da vida em sociedade.

Maffesoli (1995) destaca que o imaginário, compreendido na modernidade, como da ordem do supérfluo e do frívolo, encontra um lugar de escolha na vida social da contemporaneidade. Enfatiza que, em função do grande dispêndio cerebral, submetido às severas leis do produtivismo, o ser humano encontra-se num processo inconsciente, direcionado a reencontrar seu ponto de equilíbrio, resgatando assim, suas potencialidades oníricas e lúdicas. Assim, esta volta da imagem e do imaginário levam Maffesoli (1995) a questionar, se as sociedades não estariam redescobrimdo os encantos da relativização, ao mesmo tempo que, reencontram o equilíbrio perdido ao reinvestir nas estruturas arcaicas que acreditavam estar ultrapassadas. Maffesoli entende esse fenômeno como o retorno do recalcado descrito por Freud, porém com outra nomeação: reencantamento do mundo. O retorno do recalcado, ou como prefere Maffesoli, o “reencantamento do mundo” é compreendido como o retorno a algo, que, por um tempo significativo, foi denegado. Junto a este reencantamento do mundo, o imaginário ganha visibilidade. Maffesoli concebe o imaginário individual como totalmente determinado pelo imaginário coletivo, assim, numa primeira leitura do cinema ou da moda, que parecem originarem-se do nada, devem ser observados com base nos arquétipos. Assim, tudo se torna essencialmente coletivo.

A pós-modernidade não concebe o indivíduo em si mesmo, mas, aquele indivíduo que se perde no outro. O coletivo permite que se remeta a questão das massas, sugerida por Ortega, referido por Maffesoli. Ortega foi o primeiro a refletir sobre a questão das massas, enfatizando o imperativo atmosférico, proferindo a determinação do homem pelo clima, atmosfera social, feeling.

Instrumentos presentes no contexto social, vão possibilitando que se criem laços nebulosos, desempenhando papel de totem e promovendo o reencantamento do mundo. Assim, pelo totem se perpassa a idéia de auralidade, proposta por Walter Benjamin. Trata-se de um “tempo das tribos”, tempo este, no qual “o estilo de ver, de sentir, de amar, de se entusiasmar em comum e no presente se impõe, sem dificuldade, às representações racionais voltadas para o futuro” (Maffesoli, 1995).

Não é de hoje que, os objetos adquirem a função de totem. Pensando no Coliseu, há muito, homens se agrupam em vias de um objetivo. Assim, a cidade de Tóquio, selva de pedras, também representa um totem, em torno dos quais as pessoas se agrupam. No entanto, nas novas sociedades tecnológicas, Maffesoli propõe uma sinergia entre o arcaico e o tecnológico, propondo que sem este arcaico, publicidade e cinema seriam incompreensíveis.

Os elementos tecnológicos vão possibilitando que suscitem pequenas entidades ou grupos existenciais, concebidos por tribos.

Paralelamente a todo este processo, a imagem vai refazer-se estruturalmente, através da emoção. Assim, o que se acreditava estar ultrapassado, retorna contra a racionalização generalizada da existência, através do reencantamento.

Hoje, a busca da religiosidade, relações novas com a natureza, valorização do corpo, não representam uma recusa da razão, mas uma complicação, um enriquecimento da razão. Assim a vida tece uma dimensão tanto racional, quanto sensível.

2 Da Terra do Nunca para o reencantamento do mundo

Considerando a história de Peter Pan, faz-se possível estabelecer relações entre o personagem e a atual condição pós-moderna, sem no entanto, deixar de remeter-se a modernidade. A história de Peter Pan dá visibilidade ao lúdico, ao onírico e à emoção, elementos estes, atendidos por Meffesoli em seus estudos acerca do imaginário.

Peter Pan ganhou o mundo, em 1911, através de seu criador, J.M. Barrie. É possível estabelecer relações entre a história e o contexto histórico da vida de Barrie. Na véspera de seu 14 aniversário, sofreu a perda de seu irmão, de modo que sua mãe, a fim de amenizar a dor, encontrou conforto na idéia de que seu filho seria uma criança para sempre, fato inspirador para Barrie. Ao mesmo tempo, que Barrie, tentava ganhar o amor de sua mãe e substituir a falta que seu irmão lhe fazia, temia o fato de crescer, tendo seu corpo obedecido este seu desejo, mantendo-se para sempre, desde seus 14 anos, com 1,50. Entende-se este, como um fato inspirador na obra de Barrie.

Peter Pan é um garoto decidido viver, sem ter que estar submetido a convenções de escolas, de vizinhos, da sociedade e aos fatores que ditam comportamento, fugindo para um mundo de fantasia – a Terra do Nunca. Na Terra do Nunca, o tempo não passa, as crianças não crescem, as nuvens são de algodão, o sol tem feições, o clima fica tão feliz quanto o humor de quem mora lá. Peter Pan tem como amigos os Garotos Perdidos, que, assim como ele, se mantém sempre crianças e, Sininho, uma fada que, através de seu pó mágico possibilita que se voe, mas diz, que para voar é preciso ter “fé, confiança e pó mágico”. Nesta terra, vive também o Capitão Gancho, eterno inimigo e perseguidor de Peter Pan. A Terra do Nunca é aquele lugar, onde a fantasia se faz presente. A história de Peter Pan, mostra que, mesmo tendo acesso ao mundo real, o garoto sempre retorna a Terra do Nunca.

Pensado no atual mundo contemporâneo, verifica-se a possibilidade de estabelecer elos com a Terra do Nunca. Assim como o mundo real, representado na história de Peter

Pan, o mundo moderno, também foi estabelecendo importantes imposições a sociedade, entre elas, questões pertinentes à moral, ao real, ao racional e à metafísica foram ganhando visibilidade e reconhecimento. Neste mundo, real / moderno, as pessoas devem estar submetidas a um poder maior, a um estado opressor, um estado Leviatã, cuja primazia é a ordem. Thomas Hobbes (2000), em sua obra *Leviatã*, defendia este Estado, como uma alternativa social para não vigorar o caos, observando-o como um Estado no qual o controle se sobrepõe à liberdade.

Em contrapartida, o mundo da fantasia, proposto por Barrie em *Peter Pan*, também muito tem em comum com o mundo da contemporaneidade, no qual a volta da criança eterna se faz presente. Maffesoli representa esta figura através da figura de Dionísio, onde imaginário se faz reconhecido. Se por um lado o concreto e o cotidiano, a vida banal e sem qualidade, foram desvalorizadas durante toda a modernidade, na contemporaneidade, presencia-se uma inversão destes valores, verificando-se o espiritual originando o material.

Se o “reencantamento do mundo” é para Maffesoli, a via através da qual se faz possível vislumbrar aquilo que, por um tempo significativo esteve denegado, torna-se viável compreender este retorno ao místico, ao onírico, ao lúdico como formas distintas de expressar este mesmo reencantamento. Da mesma forma que, a sociedade tem se voltado a questões da religiosidade mística, observa-se que a sólida base dos arquétipos manteve-se estável, oferecendo também, suporte ao imaginário coletivo através de romances e contos como *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis* e *Código da Vinci*, cujos sucessos aparentemente inexplicáveis, encontram apoio no reencantamento proposto por Maffesoli.

Assim como através do cinema, moda, publicidade o imaginário sobressai-se, em *Peter Pan*, a *Terra do Nunca* representa este imaginário, tornado possível através do reencantamento do mundo. *Peter Pan*, a fim de proteger-se do moralismo e dos valores

dogmáticos presentes no mundo real, consegue através da Terra do Nunca, desprender-se destes paradigmas tão necessários no outro mundo, porque, na Terra do Nunca, para voar, só se precisa ter fé, coragem e pó-mágico. Voar é contatar com o sensível, com as emoções, com o afetivo, com aquilo que é da ordem da imaginação, denegados em função da razão, dos valores absolutos e do empirismo. Fé, Coragem e pó-mágico, são aquele algo a mais, que possibilitam o reencantamento, aquilo que se contata através da imaginação, aquilo que o moralismo exacerbado por muito tempo vetou.

Referências Bibliográficas

HOBBS, Thomas. *Leviatã: ou a matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. 2 ed. São Paulo: Ícone, 2000.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.